

23. A oração do homem desesperado

Saulo, nos três dias entre sua queda na estrada de Damasco e a visita de Ananias, experimenta o nada. Os Atos dos Apóstolos descrevem esse fato num versículo muito sóbrio: “esteve três dias sem ver, sem comer nem beber” (At 9, 9).

Jesus quis encontrá-lo na morte, nos infernos, assim como encontrou Adão e Eva no Sábado Santo. Nas trevas, sem comer e beber: Saulo é como se estivesse morto, é como um cadáver. Ele não pode viver a não ser ressuscitando dos mortos, a não ser agarrando-se à mão do Ressuscitado que está descendo em sua direção.

Jesus diz a Ananias que, apesar de tudo, Saulo está orando: “Levanta-te e vai à rua Direita, e pergunta em casa de Judas por um homem de Tarso, chamado Saulo; ele está orando” (At 9, 11).

Como pode orar um homem nos infernos, um homem caído no túmulo do abandono total, que viu desmoronar o sentido da sua vida? Ele não pode orar senão como Jesus na cruz: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mt 27,46; Sl 21,2).

Saulo mendiga a salvação, mendiga que Deus o salve, que venha salvá-lo. Ele nunca havia orado assim. Sempre esteve convencido de que já estava salvo e que todos os outros que não eram como ele estavam condenados. Agora ele se sente condenado e espera por uma salvação que ele conhece, porque foi prometida por Deus ao seu povo, mas que ele percebe que nunca encontrou. Ele encontrou Jesus na estrada de Damasco, mas justamente aquela luz o deixou cego. Seu Salvador subitamente o abandonou. Por quê? Porque tinha que experimentar que nossa salvação é uma ressurreição, um ser tomado pela mão do Ressuscitado que nos levanta das trevas da morte e do pecado. E tinha que experimentar também que essa mão que o Salvador ressuscitado estende a nós é a Igreja, o Corpo do qual o Ressuscitado, sentado à direita do Pai, é a Cabeça.

Jesus explica a Ananias que Saulo, enquanto orava, “via numa visão um homem, chamado Ananias, entrar e impor-lhe as mãos para recobrar a vista” (At 9,12).

Para obter a ressurreição da sua vida, Saulo deve humilhar-se em esperar por um pobre membro do Corpo de Cristo, muito temeroso e certamente não tão instruído e inteligente quanto ele. Saulo estava acostumado ao tudo e agora de suas iniciativas fanáticas: obtinha imediatamente do sumo sacerdote cartas e poderes absolutos para perseguir os cristãos. Mas aqui ele tem que esperar no escuro que venha até ele um discípulo qualquer, que recebeu de Deus o poder de curá-lo. A esperança verdadeira cresce na espera dramática que preenche os momentos de desespero dos quais não somos mais capazes de nos salvar a nós mesmos, com nossas próprias forças e nossas relações.

Saulo entende de uma vez por todas que a verdadeira oração, a verdadeira fé, a verdadeira esperança residem em permanecer nessa necessidade de ser salvos por um Outro, na necessidade de reencontrar vida e luz graças a um Outro, um Outro tão outro que vem a nós através de outros pobres desesperados como nós.

Durante toda a sua vida, Paulo terá de viver esperando continuamente pela graça comunicada pelo Ressuscitado. Como escreverá aos Coríntios: “Demais, para que a grandeza das revelações não me levasse ao orgulho, foi-me dado um espinho na carne, um anjo de Satanás para me esbofetear e me livrar do perigo da vaidade. Três vezes roguei ao Senhor que o apartasse de mim. Mas ele me disse: ‘Basta-te minha graça, porque é na fraqueza que se revela totalmente a minha força’. Portanto, prefiro gloriar-me das minhas fraquezas, para que habite em mim a força de Cristo. Eis por que sinto alegria nas fraquezas, nas afrontas, nas necessidades, nas perseguições, no profundo desgosto sofrido por amor de Cristo. Porque, quando me sinto fraco, então é que sou forte” (2Cor 12,7-10).

É a partir dessa consciência que entendemos que a esperança não é uma virtude supérflua, como um enfeite, mas o coração de nosso relacionamento com o mistério de Cristo ressuscitado, nosso Salvador. Viver na esperança significa viver nessa consciência de que somente Cristo nos salva, de que não há outro Nome – ou seja, nenhuma outra presença e pessoa – no qual possamos ser salvos (cf. At 4,12).

Esperar realmente significa pedir a Cristo que seja a ressurreição e a vida da nossa vida, da nossa vocação, da nossa comunidade, da Igreja, de toda a humanidade, de todo o universo.

Temos essa esperança? Veem em nós essa esperança? Somos profetas, testemunhas dessa esperança contra toda esperança, mais forte do que toda morte, do que todo pecado, do que todo abandono, do que toda fragilidade física, psíquica, moral? Podemos ser se em nós a esperança se encarna em uma oração que mendiga incessantemente por Cristo Redentor.

Enquanto eu estava em *Notre Dame des Neiges*, o Bispo local me entregou uma cópia do original dos escritos de São Charles de Foucauld, no qual se encontra sua famosa oração de abandono ao Pai, uma oração traduzida em todas as línguas, em uma versão fiel, mesmo que um pouco reduzida em relação ao original:

Meu Pai,
eu me abandono a Ti,
faz de mim o que quiseres.
O que fizeres de mim,
eu Te agradeço.
Estou pronto para tudo, aceito tudo,
desde que a tua vontade se faça em mim
e em tudo o que Tu criaste,
nada mais quero, meu Deus.
Nas tuas mãos entrego a minha vida.
Eu a Te dou, meu Deus,
com todo o amor do meu coração,
porque Te amo e é para mim uma necessidade de amor dar-me,
entregar-me nas tuas mãos sem medida,
com uma confiança infinita,
porque Tu és meu Pai!

Nessa cópia do manuscrito original, descobri que o Irmão Carlos de Jesus compôs essa oração enquanto meditava sobre a oração de Cristo na cruz: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23, 46).

A oração de abandono exprime, então, o desejo de São Charles de Foucauld de entrar na oração de Jesus ao Pai, de fazê-la própria, de deixá-la penetrar em sua vida e de deixar sua vida penetrar na oração de Jesus. De fato, imediatamente antes de escrever essa oração de abandono e esperança no Pai, São Charles anota: “‘Meu Pai, em tuas mãos entrego meu espírito’... É a última oração do nosso Mestre, do nosso Bem-Amado... Que possa ser a nossa... É que seja não apenas aquela do nosso último instante, mas a de todos os nossos instantes”.¹

A esperança torna-se, assim, como que o respiro de cada instante da vida, um respiro de abandono confiante ao Pai, que lhe oferece tudo aquilo que somos, toda a vida, tudo aquilo que nos resta, mesmo quando perdemos tudo, como Jesus na cruz. O espírito é em nós o mistério profundo do nosso ser, é o sopro vital que Deus, criando-nos, coloca em nós. Mais do que ar para respirar, o espírito é a vida que Deus coloca em nós para sermos imagem e semelhança da Trindade, ou seja, capazes de amar como somos amados. O último respiro de uma pessoa que morre é símbolo de um último ato de amor, o último no tempo da vida, que, porém, sendo amor, é o primeiro sopro da vida eterna que não terá fim.

Ao longo da vida, somos chamados a praticar esse ato de amor a todo instante, como escreve Irmão Charles de Jesus. Então, todos os instantes da vida, tão numerosos e dissipados, muitas vezes tão distraídos e mesquinhos, são como que reunidos e unificados no amor de Jesus pelo Pai, que o Espírito nos comunica, enchendo-nos de esperança na vida eterna que já começa em nós e para todos.

¹ « Mon Père, je remets mon esprit entre Vos mains »... « C’est la dernière prière de notre Maître, de notre Bien aimé... Puisse-t-elle être la nôtre ... Et qu’elle soit non seulement celle de notre dernier instant, mais celle de tous nos instants »